

DIÁLOGOS SOBRE JUVENTUDES, CULTURAS E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

Gabriela Oliveira de Castro³⁵

Veronice Camargo da Silva³⁶

Ana Paula Machado Teixeira³⁷

Clarice Maria De Sousa P. G. Teixeira³⁸

INTRODUÇÃO

Este estudo emerge de reflexões provocadas no componente curricular “Juventudes, Culturas e Escola Contemporânea”, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - PPGED/UERGS. No contexto desse espaço formativo, as autoras, que integram o Grupo de Pesquisa e Estudos Integrados à Educação: Linguagens e Letramentos (GPEIE – LinLe), vêm se dedicando aos estudos dos letramentos em suas múltiplas dimensões, com especial atenção às práticas acadêmicas e às experiências narrativas de estudantes de Pedagogia. Assim, a partir de uma revisão bibliográfica, a pesquisa aqui apresentada tem como objetivo apresentar as complexas e multifacetadas relações entre juventude(s), cultura e educação no contexto contemporâneo em articulação com os processos dos letramentos acadêmicos vivenciados por estudantes em formação.

Em conjunto, perspectivas de autores como Zygmunt Bauman, Thomas Leoncini, Alfredo Veiga-Neto, Jucélia Barbosa, Brian Street e Adriana Fischer, fornecem um panorama abrangente sobre a dinâmica relação entre cultura, juventude e educação na sociedade atual. A temática abordada neste estudo constitui um recorte da pesquisa desenvolvida por uma das autoras, sendo, contudo, parte de um trabalho coletivo e interdisciplinar construído no âmbito do grupo de pesquisa. Os textos estudados contribuem significativamente para uma investigação mais ampla, que se debruça sobre as narrativas de estudantes de Pedagogia acerca de seus letramentos acadêmicos, favorecendo a compreensão das múltiplas dimensões que atravessam suas trajetórias formativas. Os estudos favorecem um panorama conceitual rico e perspectivas críticas sobre identidade, cultura, educação e a experiência - elementos fundamentais para compreender as práticas de leitura, escrita e oralidade dessas estudantes.

1 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica crítica, fundamentada na análise e debate de obras selecionadas. A abordagem

³⁵ Mestra em Educação pelo IFSul. Doutoranda em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- PPGED/UERGS. gabriela-oliveira@uergs.edu.br

³⁶ Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. Orientadora Profa. dos Cursos de Mestrado e Doutorado na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- PPGED/UERGS. veronice-silva@uergs.edu.br.

³⁷ Mestra e Doutoranda em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- PPGED/UERGS. ana-teixeira@uergs.edu.br

³⁸ Mestranda em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- PPGED/UERGS. clarice-teixeira@uergs.edu.br

metodológica consistiu na leitura de textos que abordam, de maneira interdisciplinar, as relações entre juventudes, cultura e educação na contemporaneidade. Os autores-chave que guiaram esta revisão foram Zygmunt Bauman e Thomas Leoncini (2018), Alfredo Veiga-Neto (2003) e Jucélia Barbosa (2021). A partir dessa análise, o estudo sintetizou as principais ideias desses autores, como também evidenciou seus diálogos e suas contribuições teóricas para uma pesquisa mais ampla em andamento.

A abordagem metodológica qualitativa se mostra a mais pertinente para a natureza interpretativa e compreensiva do fenômeno investigado. No campo da pesquisa em Educação, a abordagem qualitativa permite aprofundar-se nas complexidades conceituais e nas interconexões teóricas dos temas de juventudes, culturas e educação, privilegiando a construção de significados e a análise crítica dos conceitos.

2 DIÁLOGOS ENTRE CULTURA, JUVENTUDES E ESCOLA

A leitura e análise do referencial teórico evidencia a necessidade de uma abordagem educacional que reconheça a diversidade cultural e juvenil, promova o diálogo e a compreensão em um mundo marcado pela fluidez, pelas múltiplas formas de pertencimento e pelas rápidas transformações sociais, tecnológicas e identitárias.

No texto “Cultura, culturas e educação”, Veiga-Neto (2003) discute a complexa e polissêmica relação entre cultura e educação. Um ponto central da sua análise é a distinção entre “Cultura” e “culturas”. A visão de Cultura, como algo elitista e unificador influenciou o pensamento pedagógico moderno, passando “[...] a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula porque era vista ocupando um *status* muito elevado; no singular porque era entendida como única” (Veiga-Neto, 2003, p. 7). Ele demonstra como, historicamente, o conceito de Cultura foi construído no século XVIII por intelectuais alemães como um elemento de diferenciação assimétrica e como justificativa para a dominação, representando um conjunto de produções consideradas superiores e únicas, como a arte, a literatura e a filosofia germânica.

Veiga-Neto (2003) critica a epistemologia monoculturalista, que buscava uma lógica única e universal, colocando a ênfase no Humanismo. Esta abordagem monolítica da cultura na educação encontra paralelos nos estudos do letramento, no qual Street (2014) critica o modelo autônomo, que concebe a leitura e a escrita como habilidades técnicas e neutras, independentes do contexto e das práticas sociais. Segundo Street, no modelo autônomo, o acesso à escrita supostamente proporcionaria “[...] mobilidade social, igualdade econômica e política e participação na ordem social” (Street, 2014, p. 38). No entanto, ele defende que essas visões ignoram a complexidade das práticas sociais e o caráter ideológico dos letramentos, propondo, assim, o modelo ideológico, que defende que os letramentos são múltiplos, contextuais e ideológicos, sendo produtos da cultura, história e discursos.

Veiga-Neto (2003) destaca a “virada cultural”, caracterizada pelo entendimento de que a cultura perpassa tudo o que acontece em nossas vidas e as representações que fazemos desses acontecimentos. Além disso, o autor aborda a “virada linguística”, na qual a linguagem passa a ser entendida como um “jogo” contingente, com regras de uso determinadas pela prática. A gramática está “[...]”

pautada por regras; mas se trata de regras contingentes, cujo uso se origina e se transforma no curso da vida” (Veiga Neto, 2003, p. 13). Essa perspectiva pluraliza a linguagem e a cultura, impactando a ética e ampliando o papel da pedagogia para a facilitação de uma conversação permanente sobre o que fizemos, fazemos e podemos fazer de nós mesmos.

Barbosa (2021) centraliza sua reflexão na problemática conceitual do termo juventude, defendendo sua compreensão enquanto construção social e histórica. De acordo com a autora, a noção de juventude não é universal, mas sim um conceito que depende do contexto histórico e social. A autora explica que essa fase pode ser associada tanto a ideias de crise e rebeldia quanto de renovação e mudança, sendo frequentemente vista como um período de transição e preparação para a vida adulta. A pluralidade das juventudes é enfatizada, marcada pela diferença e diversidade sociocultural. A visão da juventude apenas sob o critério etário é criticada, critério este que tende a ignorar a complexidade das experiências juvenis. A abordagem deste grupo social no plural, ‘juventudes’, é justificada pela “[...] multiplicidade de atravessamentos e vivências juvenis[...].” (Barbosa, 2021, s.p.). A condição juvenil traduz o mosaico de possibilidades presentes nas sociedades, influenciada por múltiplos atravessamentos como classe social, raça, gênero e sexualidade.

Um dos focos do texto é a relação entre juventudes e o espaço escolar. Barbosa (2021) aponta para a tensão existente entre as culturas juvenis e a cultura escolar, muitas vezes marcada pela invisibilidade das demandas e culturas juvenis pela escola. A autora discute como a escola pode marginalizar os estudantes que não se encaixam na cultura que é preconizada como dominante ou na cultura transmitida pela escola. Essa marginalização ocorre porque, mesmo sob a aparência de igualdade de tratamento, como explica Bourdieu (1989, p. 10), “a igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor dizendo, exigida”. De fato, as culturas preconizadas como dominantes servem como mecanismos que sustentam e reproduzem as desigualdades escolares, marginalizando estudantes cujas culturas de origem não se encaixam nesse padrão. Nessa linha, o texto de Veiga-Neto (2003) discute como, no projeto da Modernidade, a escola foi colocada a serviço da imposição de um padrão cultural único. Este padrão era visto como universalista e superior em relação a outras manifestações culturais.

A obra de Bauman e Leoncini (2018) dialoga sobre as características da modernidade líquida e seu impacto nas jovens gerações, explorando como a transitoriedade e a individualização da sociedade contemporânea remodelam a experiência juvenil. Nessa mesma linha, o texto de Barbosa (2021) menciona a instabilidade juvenil como uma característica marcante das juventudes contemporâneas, as quais estão inseridas em um contexto de incertezas, mobilidades e mudanças. Essa instabilidade descrita por Barbosa (2021) pode ser compreendida como um reflexo direto da transitoriedade que caracteriza a modernidade líquida analisada por Bauman e Leoncini (2018), evidenciando como as transformações sociais deste tempo histórico afetam profundamente a condição juvenil.

Bauman e Leoncini (2018) examinam o fenômeno do bullying no contexto dos processos de civilização e as mudanças nos alvos da agressividade social. A

influência das novas tecnologias de comunicação é destacada, tanto por seu potencial de conexão quanto por seu uso na criação de espaços individuais de conforto e na polarização de opiniões. A internet se revelou, para muitos, um espaço que, em vez de promover a integração e o diálogo, facilitou a separação, exclusão, inimizade e conflito. Os autores refletem sobre a provisoriedade dos papéis de gênero e as demandas por flexibilidade no trabalho e nas relações na modernidade líquida. A dificuldade na definição de objetivos claros em um mundo caracterizado pela incerteza, onde os indivíduos possuem meios, mas questionam constantemente seus fins e a importância de se compreender o presente e a coexistência de diferentes gerações em um mesmo mundo são ressaltados.

3 CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DAS NARRATIVAS ESTUDANTIS À LUZ DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

Os textos estudados contribuem significativamente para a pesquisa mais ampla em andamento sobre as narrativas de estudantes de pedagogia acerca de seus letramentos acadêmicos, ao oferecerem um panorama conceitual rico e perspectivas críticas sobre identidade, cultura, educação e a experiência - elementos fundamentais para compreender as práticas de leitura, escrita e oralidade dessas estudantes. Segundo Fischer (2007), o estudo das práticas de letramento acadêmico examina as diversas formas e necessidades da escrita na universidade. Essa análise demonstra que a escrita é um processo complexo, diretamente ligado às relações de poder, às condições de produção textual e à construção da identidade dos alunos.

As discussões de Veiga-Neto (2003), ao abordar a polissemia dos conceitos de “cultura” e “educação”, são fundamentais para a análise das narrativas, pois permitem situar as práticas de letramento em meio a múltiplas influências culturais. A distinção entre “Cultura” (imposição hegemônica) e “culturas” (expressão da diversidade) contribui para problematizar a maneira como estudantes se relacionam com a cultura acadêmica, frequentemente percebida como dominante. A “virada cultural”, ao indicar que a cultura atravessa todas as práticas sociais, reforça a concepção de que os letramentos acadêmicos não são apenas habilidades técnicas, mas práticas sociais situadas. Já a “virada linguística” sustenta a compreensão de que a linguagem — e, por consequência, os letramentos — são moldados por regras de uso histórica e socialmente construídas, o que dialoga diretamente com a proposta da pesquisa.

A análise de Barbosa (2021) sobre juventude como construção social e histórica é igualmente central. Ao enfatizar a pluralidade das “juventude(s)”, a autora aponta para a importância de reconhecer as múltiplas experiências vividas pelas estudantes de pedagogia, atravessadas por classe, raça, gênero e sexualidade. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre como tais estudantes vivenciam e narram seus processos de letramento no espaço acadêmico.

Por fim, as reflexões de Bauman e Leoncini (2018) sobre a modernidade líquida fornecem um pano de fundo valioso para pensar as experiências das estudantes em contextos de constante mudança. A fluidez identitária e o papel das tecnologias digitais, discutidos pelos autores, são aspectos relevantes para analisar como as estudantes se inserem nas práticas de letramento exigidas pela universidade contemporânea, especialmente em ambientes virtuais.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões propostas pelos autores analisados, é possível compreender que as juventudes, as culturas e a educação constituem-se em campos inter-relacionados e atravessados por múltiplas tensões e transformações na sociedade contemporânea. A revisão dos textos evidencia que tanto a cultura quanto a juventude são categorias historicamente construídas e continuamente ressignificadas, sendo fundamentais para pensar os desafios que se colocam para a escola na atualidade.

Assim, os textos discutidos ampliam a compreensão sobre as juventudes na contemporaneidade, como também oferecem subsídios teóricos importantes para pensar práticas pedagógicas mais sensíveis às especificidades dos sujeitos jovens. No contexto da pesquisa sobre os letramentos acadêmicos de estudantes de pedagogia, essas reflexões contribuem para problematizar como as juventudes constroem seus modos de ler, escrever e se expressar na universidade, a partir de suas experiências culturais, sociais e subjetivas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. S. Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes? **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.111283. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111283>. Acesso em: 2 maio. 2025.

BAUMAN, Z.; LEONCINI, T. **Nascidos em tempos líquidos**: Transformações no terceiro milênio. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 10, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/42465>. Acesso em: 1 mai. 2025.

FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89764>. Acesso em: 22 jun. 2025.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VEIGA-NETO, A. Culturas, Cultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, nº 23, maio/agosto 2003. Disponível em: scielo.br/j/rbedu/a/G9PtKyRzPcB6Fhx9jqLLvZc/?format=pdf. Acesso em: 1 maio 2025.